

## A IDEIA DE CORPOGRAFIA URBANA COMO PISTA DE ANÁLISE

Fabiana Dultra Britto

Licenciatura em Dança, professora PPG Dança /UFBA,  
coordenadora do Laboratório Coadaptativo LabZat e membro do Laboratório Urbano

Proponho-me aqui, a pensar o modo como se dá a interlocução dos estudos do corpo no campo da dança com o tema “das possibilidades de experiência da cidade e seus modos de compartilhamento e transmissão, em particular a partir da ideia de narrativas urbanas”, no âmbito da pesquisa Programa de Apoio a Núcleos Emergentes (PRONEM) atualmente desenvolvida pelo Laboratório Urbano.

Os estudos das relações corpo/ambiente urbano tendem a privilegiar os termos envolvidos abordando-os separadamente em suas respectivas configurações, desconsiderando, assim, não apenas o fato de ser impossível objetivar numa escala local essas duas categorias gerais – corpo e cidade – cuja complexidade de suas extensões (não apenas matéricas e territoriais, mas também simbólicas e históricas) impede de tomá-las por “unidades mínimas” mas, também o fato de que o caráter processual de qualquer relação implica, necessariamente, muitos outros agentes intera-

gindo simultaneamente, pois se trata de sistemas vivos em contínua transformação decorrente justamente de suas interações com outros. Os processos são criativos de novas estruturas organizativas. (PRIGOGINE; STENGERS, 1990)

As recentes aproximações entre dança, estudos do corpo e estudos da cidade<sup>1</sup> se, por um lado, sugerem interessantes reconfigurações dos seus respectivos modos de problematização das relações corpo/ambiente, por outro, requerem procedimentos de experimentação, análise e formulação narrativa sobre o tema mais apropriadas à natureza processual dessas interações, de modo a evitar o risco tanto da sua simplificação determinista quanto do seu esvaziamento crítico pela estabilização de metodologias como norma institucionalizada. A cidade, quando tomada pelos artistas de dança como cenário para apresentação de suas peças, assim como, a dança ou performance, quando tomadas pelos urbanistas como recurso de percepção pessoal do ambiente urbano, são por eles reiteradas como unidades isoladas e desconectadas entre si, estabilizando compreensões sobre os processos (urbanos, artísticos ou qualquer outro) que desconsideram o caráter recíproco das consequências de suas ações.

Reconhecer o aspecto processual das relações corpo/cidade significa reconhecer a natureza de coafetação própria a qualquer interação. Sendo um processo um conjunto de relações diferentes ocorrendo ao mesmo tempo, não permite identificar nem qualificar ou mensurar os termos precisos participantes dessas relações, como também não permite identificar o início e o final de sua ocorrência.

Para entender a cidade como um ambiente urbano, precisamos nos afastar da ideia de cidade

como sendo um **lugar** em que o corpo se insere e passar a compreendê-la como um **campo de processos** em que o corpo está coimplicado.

Os modos de existência dos corpos e das cidades formulam-se reciprocamente, visto que suas lógicas particulares de organização tanto resultam quanto constituem os princípios das suas interações, cujas resultantes são expressadas nas configurações individuais de corporalidade e nas configurações de ambiente urbano que os corpos e as cidades adquirem neste processo de constituição da vida pública. Diferente de algum tipo de *determinismo*, essa reciprocidade entre as consequências das ações do corpo e da cidade institue sua *coimplicação*.

Desse modo, a noção de ambiente urbano ganha um sentido mais temporal do que espacial, ressaltando o caráter transitório de suas configurações que se reorganizam continuamente e não correspondem a uma síntese apaziguada das relações vividas, mas a um estado constante de conflito entre forças contraditórias ativadas pelos processos interativos do corpo na cidade. A cidade, assim implicada na corporalidade de seus habitantes é, por definição, a condição da esfera pública que possibilita a política. E o corpo, uma de suas instâncias de ocorrência.

É justamente a coimplicação entre corpo e ambiente que tomamos por pressuposto para propor a noção de **corpografia urbana**,<sup>2</sup> como uma pista de análise das condições relacionais que o ambiente urbano representa aos seus habitantes.

Esta noção sugere pensar a corporalidade das pessoas como uma síntese transitória dos processos vividos pelo corpo na cidade, que se expressa

numa espécie de cartografia de experiências produzida pelo e no próprio corpo, como resultante das suas interações com e na cidade. Sendo corporal, neste tipo de cartografia não se distinguem o objeto cartografado e sua representação, tendo em vista o caráter contínuo e recíproco da dinâmica que os constitui.

As corpografias urbanas, assim, permitem, de um lado, compreender as configurações de corporalidade como memórias corporais resultantes da experiência pública de espacialidade que as dinâmicas socioafetivas promovem em qualquer contexto urbano e, de outro lado, compreender as configurações urbanas (planejadas ou não) como memórias espacializadas dos corpos que as experimentaram – na medida em que as cidades são tanto resultantes quanto promotoras de usos (ou atualização) dos princípios organizativos que a vida pública instaura, pela mediação dos sistemas de poder. As corpografias expressam o modo particular de cada corpo conduzir a tessitura de sua rede de referências relacionais cuja dimensão política de ocorrência implica necessariamente num sentido específico de “condição urbana”.

Esta noção de corpografia sugere um sentido de continuidade entre corpo e cidade que nos permite abordá-los como instâncias de um mesmo e único processo de *coplasticidade*, instaurado pelo engendramento entre a cidade e a corporalidade de seus habitantes.

A corpografia urbana nos parece uma preciosa pista de análise da complexidade da cidade contemporânea, por nos impedir leituras simplificadoras centradas em cada aspecto de sua constituição separadamente fazendo-nos, ao contrário, compreender a cidade e as corporalidades de

seus habitantes não como causas ou efeitos uma da outra, mas como um mesmo conjunto de condições mobilizadoras dos processos que se podem instaurar envolvendo ambos, cujas resultantes serão sempre transitórias. Qualquer leitura interpretativa sobre a corporalidade das pessoas que desconsidere essa coplasticidade entre corpo e ambiente (urbano inclusive) corre o risco de cair numa perigosa etologia humana, assim como, uma leitura interpretativa sobre as cidades que as tome por unidades isoladas de seus usos e práticas pelos habitantes corre o risco de cair numa perigosa hipertrofia do objeto. ■

## NOTAS

- 1 Muitas e variadas aproximações já foram empreendidas por iniciativa tanto de artistas da dança interessados na cidade como assunto e lugar de suas composições artísticas, quanto de urbanistas e historiadores da cidade interessados no corpo como escala e foco de suas formulações projetuais e teóricas. Contudo, ainda há que se produzir análises interpretativas cuja ênfase recaia menos sobre cada aspecto em particular e mais sobre as dinâmicas relacionais que os engendram.
- 2 Esta noção vem sendo desenvolvida por mim e Paola Berenshtein Jacques, desde 2008 (data da publicação do Caderno PPGAU Número Especial *Paisagens do Corpo*, organizada conjuntamente como resultante do Seminário Teórico-Performativo de mesmo nome, que realizamos na UFBA em 2007), pela articulação entre minhas abordagens de coimplicação corpo/ambiente/dança no âmbito dos estudos sobre temporalidades em dança e suas implicações historiográficas, e as abordagens dela acerca da domesticação da experiência corporal dos habitantes de grandes centros urbanos decorrente do crescente processo de espetacularização das cidades.

## REFERÊNCIA

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *Entre o tempo e a eternidade*. Lisboa: Gradiva, 1990.